

ESTE É UM LIVRO INVULGAR que nos apresenta um olhar rigoroso e inovador sobre os dois baluartes incontestáveis do pensamento estratégico: o chinês Sun Tzu e o prussiano Clausewitz... É um livro aberto, sem ideias preconcebidas, que faz luz de um modo atraente e esclarecedor sobre estes dois grandes estrategistas e respectivas obras...

João Domingues | Director do IPRIS • Instituto
Português de Relações Internacionais e Segurança

JORNAL DE LETRAS, 2001

FRANCISCO ABREU É UM INVESTIGADOR apaixonado de temas de estratégia militar. Diz-nos que estudou a *Arte da Guerra* de Sun Tzu e o *Vom Kriege* de Clausewitz «com a preocupação de identificar, comentar e, se necessário, criticar aquelas ideias e propostas» que entendeu serem «as mais relevantes do ponto de vista da sua contribuição para o enriquecimento do pensamento estratégico»... O resultado é cativante. E aplicável a 'outras guerras'.

LIVROS, 2001

É QUASE IMPOSSÍVEL FALAR DE ESTRATÉGIA sem estudar as ideias de Sun Tzu e de Clausewitz... Foi o que Francisco Abreu fez neste livro, dando-nos a possibilidade de alargar ao mundo da gestão dois modos distintos de pensar a estratégia.

EXECUTIVE DIGEST, 2000

Estratégia

O Grande Debate

Sun Tzu e Clausewitz

FRANCISCO ABREU

Prefácios

Viriato Soromenho-Marques



ESFERA DO CAOS
EDITORES

Título

Estratégia – O Grande Debate: Sun Tzu e Clausewitz

Autor

Francisco Abreu

Direitos Reservados

© Esfera do Caos Editores Lda e Autor

Design

Flukstudio

Impressão e Acabamento

Papelmunde SMG Lda

Depósito Legal

XXXX

ISBN

989-8025-01-8

1ª Edição: 2000

Reimpressão: 2001

Nova Edição, Revista e Ampliada: 2006

ESFERA DO CAOS EDITORES LDA

Campo Grande

Apartado 52199

1721-501 Lisboa

esfera.do.caos@netvisao.pt

ÍNDICE

Prefácio (da nova edição)	19
Prefácio (da primeira edição)	21
Palavras de Abertura	25
PRIMEIRA PARTE: SUN TZU	
1. A Obra – Aspectos Preliminares	31
1.1. O dédalo das traduções	31
1.2. O problema de Sun Tzu	35
1.3. Cautelas e perplexidades na interpretação	38
2. O Contexto Histórico	47
2.1. Lutas intermináveis e unificação	47
2.2. Os bárbaros das estepes e a necessidade de pacificação	50
2.3. Os exércitos no tempo de Sun Tzu	51
2.4. O segundo problema de Sun Tzu	53
VERBETE 1 : As invasões das tribos bárbaras	57
3. As Subtilezas do Pensamento Estratégico	61
3.1. Do recital à composição sinfónica	61
3.2. Uma solução diferente da morte	66
VERBETE 2 : Fazer a guerra a pensar na paz. Mas, por vezes...	67
3.3. Manobras ortodoxas e heterodoxas	70
3.4. Concentração de forças	73
3.5. Condições que permitem antever a vitória	76

3.6.	Avaliação de potencialidades e vulnerabilidades	79
	VERBETE 3 : A envolvente contextual	81
3.7.	As ordens que não devem ser cumpridas	83
3.8.	O factor comportamental e a recusa da ingenuidade	86
3.9.	Organização, disciplina e definição de objectivos	88
	VERBETE 4 : Um exemplo de divergências na interpretação	89
3.10.	Dissimulação, surpresa e espionagem	91
3.11.	Análise da relação de forças	101
	VERBETE 5 : Potencial estratégico	104
3.12.	A estratégia do fraco ao forte	109
	VERBETE 6 : O mais fraco não tem de perder	112
	VERBETE 7 : Liberdade de acção	115
3.13.	A estratégia subversiva	118
3.14.	A guerra como último argumento e o desejo de vitória	123
	VERBETE 8 : Negociar com Hitler e persuadir Pol Pot?	125
	VERBETE 9 : A Doutrina Weinberger	127
3.15.	Transformar o inimigo num semelhante	128
SEGUNDA PARTE: CARL VON CLAUSEWITZ		
4.	A Obra – Aspectos Preliminares	133
4.1.	O cego arrebatamento das grandes paixões	133
4.2.	Duas edições de grande nível	137
	Apêndice 1: Obras de Clausewitz Editadas em Língua Inglesa	140
5.	O Autor e o Contexto Histórico	143
5.1.	Esboço biográfico	143
5.2.	O vendaval napoleónico	150
	VERBETE 10 : Exércitos de raiz nacional	154

6.	A Estratégia ao Serviço da Guerra	163
6.1.	Teses de enquadramento do pensamento estratégico	163
	VERBETE 11 : Estratégia de dissuasão	165
	VERBETE 12 : A relevância estratégica dos sucessos parciais	166
	VERBETE 13 : As posturas estratégicas ofensiva e defensiva	171
6.2.	Ascensão aos extremos, guerra absoluta e guerra real	174
6.3.	A destruição do inimigo e o inteligente realismo	182
6.4.	Superioridade relativa, surpresa e astúcia	188
	VERBETE 14 : A estratégia condicionada pela tática?	197
6.5.	A permanente cumplicidade entre forças físicas e forças morais	200
6.6.	O acaso e a incerteza	203
	VERBETE 15 : O paradigma da complexidade	204
	VERBETE 16 : A não-linearidade e o efeito-borboleta	209
6.7.	A energia intelectual e emocional	221
6.8.	A inevitabilidade das informações falsas e contraditórias	223
6.9.	A recusa das receitas milagrosas	226
	Apêndice 2: O Universo das Definições	230
TERCEIRA PARTE: O DEBATE		
7.	Os dois Clássicos mais Influentes	237
7.1.	Paradigmas opostos	237
7.2.	Diferentes níveis de análise	239
7.3.	Em torno da definição e da matematização da estratégia	241
7.4.	A guerra como instrumento da política	246
7.5.	Os inconvenientes e as virtualidades ocultas da pseudoguerra	250
7.6.	O resumo e a conclusão	254

Referências Bibliográficas Específicas	259
Bibliografia Geral – Obras Citadas	265

Prefácio

(da nova edição)

É com muita honra que, seis anos após a primeira edição desta obra, aceito a renovação do convite do seu autor, Francisco Abreu, para a prefaciá-lo.

O leitor encontrará nesta edição, renovada e ampliada, ainda mais motivos do que aqueles que apresentei em 2000 para justificar a leitura atenta deste livro ímpar na bibliografia em língua portuguesa sobre pensamento estratégico.

O século XXI nasceu sombrio e ameaçador. A guerra voltou ao centro da política internacional, sob novas e antigas formas. Apesar dos conflitos destes primeiros anos do novo milénio não terem assumido, ainda, a envergadura do patamar atómico, a verdade é que a sua dimensão convencional tem ajudado a destacar, com mais nitidez, a ausência da sabedoria estratégica, tão abundante nos escritos dos dois grandes clássicos aqui estudados.

Sun Tzu e Clausewitz estão unidos pela tese fundamental de que a gramática estratégica não só está ao serviço da lógica política, como o verdadeiro pensamento estratégico está possuído pelas três características que Max Weber atribuía ao político por vocação: paixão pela sua causa, sentido de responsabilidade no que toca às consequências concretas das suas decisões, e rápida capacidade de avaliação das situações, aperfeiçoada pela coragem de olhar para o perigo de frente, e mantendo uma serena distância perante as coisas e os homens.

O século XXI começou com os desafios titânicos, de há muito profetizados por Ernst Jünger, mas sem respostas à altura. O

lugar de chefia não faz o líder clarividente, tal como os galões não garantem o rasgo vitorioso do general. Perante o tentacular perigo da crise global do ambiente, de que as alterações climáticas são a parte mais visível, ou a insidiosa proliferação da fragmentação da violência, exibida pelas múltiplas modalidades de terrorismo, as «respostas» têm-se caracterizado pela falta de lucidez, pela ausência de capacidade de visão global, pelo nervosismo, e pela irresponsabilidade.

No tempo de Clausewitz, a estratégia estava ao serviço de um projecto político de futuro, na altura a construção de Estados-nação modernos, protagonizados por personalidades dotadas de inteligência política e resiliência ética. No dealbar do século XXI a «estratégia» tornou-se um conceito usado em sentido impróprio. Falta a arquitectura política capaz de conferir um horizonte de futuro a uma humanidade globalizada nas esperanças e nos riscos. Em vez de verdadeiros líderes forjados na luta e no estudo, temos aquilo que Ortega y Gasset designava como «homem-massa»: gente medíocre, venalmente satisfeita e incapaz de aceitar uma realidade que seja contrária aos seus caprichos de satisfação imediata.

Mas é nos tempos difíceis que mais carecemos da luz que só a inteligência irradia. Uma luz e uma inteligência que abundantemente se derramam desta obra indispensável de Francisco Abreu.

29 de Abril de 2006

Viriato Soromenho-Marques

Prefácio

(da primeira edição)

Qual o sentido de estudar, nesta viragem de milénio, as obras de Sun Tzu e de Clausewitz? Que devemos esperar da tentativa de estabelecer um debate entre estas duas grandes figuras?

Estas serão talvez as duas perguntas iniciais e fundamentais que se colocarão a quem se inicie na leitura desta obra de Francisco Abreu. Ora, a resposta a estas perguntas encontra-se disseminada na estrutura, na letra e no espírito das páginas que neste livro se oferecem ao leitor. Considero mesmo que foram elas que inspiraram o autor a lançar-se nesta ousada empresa.

Julgo que para compreendermos o valor intrínseco do esforço deste ensaio é necessário reconhecer os três desafios que ele teve de enfrentar com êxito para que a resposta a essas duas perguntas fundamentais pudesse ser formulada.

O primeiro desafio está relacionado com a própria natureza das obras que constituem o objecto deste ensaio. Sun Tzu e Clausewitz são pensadores clássicos. Ser clássico significa, geralmente, estar envolto numa névoa mista de grandeza e desconhecimento. Significa que já não existem primeiras leituras possíveis, tal o aparato reunido por legiões de intérpretes, traduções, edições, comentários e preconceitos acumulados ao longo de muitas gerações. Quem quiser, como é o caso do autor deste ensaio, recuperar a frescura original da água de nascente, das obras de Sun Tzu e Clausewitz, tem de se lançar à conquista dos tesouros guardados pelos temíveis dragões da recepção e da erudição.

O segundo desafio é o de compreender a *coisa* de que as obras de Sun Tzu e Clausewitz tratam. Ambos terão sido homens de acção, guerreiros. Como não recordar as emocionadas pala-

vras de Clausewitz dirigidas à sua mulher, em Novembro de 1812, a partir de um campo de batalha das guerras napoleónicas: “*Escrevo-te entre cadáveres e moribundos*” (*Ich schreibe Dir zwischen Leichen und Sterbenden*)? Sun Tzu e Clausewitz experimentaram a guerra, o suor, o sangue, a dor, o abismo, a vertigem do combate. Contudo, não é esse o motivo que continua a justificar o seu estudo. A questão importante consiste em saber se ambos os autores foram capazes de penetrar no que poderíamos designar como a essência racional da guerra e do conflito. Pensar a racionalidade da guerra implica ir para além da lama das trincheiras, ir para além da repulsa imediata pela violência e pela destruição. Se existe uma racionalidade da guerra e do conflito ela será capaz de nos dizer algo sobre a forma como as sociedades humanas se organizaram historicamente, terá de penetrar no núcleo íntimo das nossas instituições, da nossa linguagem, da nossa identidade como comunidades e como indivíduos.

O terceiro desafio consiste em saber até onde poderemos ir no alcance deste grande debate estratégico. Até onde são válidas as categorias desenvolvidas por Sun Tzu e Clausewitz? Será legítimo estender os modelos de reflexão estratégica pensados por estas grandes personalidades para além do seu figurino militar matricial? O livro de Francisco Abreu deixa esta pergunta em suspenso para a meditação do leitor, e, provavelmente, para outros trabalhos da sua autoria. Ele mostra-nos, contudo, o caminho por onde não deveremos ir, sobretudo quando queremos alargar a estratégia ao mundo das empresas e dos negócios. Redigir manuais e vulgatas não é seguramente nem agir em sintonia com a altura do pensamento de Sun Tzu e Clausewitz, nem com o que de grave se arrisca na luta pela conquista de mercados.

Tudo o que é grande faz-se sentir quer pelo impacte da presença, quer na sombra da ausência. O século XX foi, paradoxalmente, um século onde a mensagem de Clausewitz e a herança de Sun Tzu foram tão nomeadas nas academias, quanto esquecidas na prática e nas consequências das grandes decisões. Os campos de massacre da Flandres, ou as guerras de extermínio étnico de 1941 ou de 1992 são a prova do preço terrível desse

esquecimento. Os quarenta anos que a humanidade viveu à beira da catástrofe nuclear, na iminência de uma «destruição mútua assegurada», de uma hecatombe sem vitória, constituem o clímax do abandono da convicção, comum a ambos os grandes clássicos, de que o conflito só se justifica se tiver um sentido racional.

Resta-nos esperar activamente que o novo século nos proporcione o regresso à meditação das teses profundas de Sun Tzu e Clausewitz. Esse regresso implicará, certamente, compreender que todo o conflito, seja ele travado no campo de batalha ou no terreno da competição económica, tem regras e limites. Compreender que nem tudo o que pode ser feito deve ser feito, até porque a estrutura do conflito tem raiz no mesmo húmus do diálogo. Só pela face do outro somos capazes de desenhar o nosso rosto. Mesmo no conflito mais feroz é preciso reconhecer no inimigo de hoje o aliado de amanhã.

Que uma parte desse caminho de regresso se possa fazer em língua portuguesa é algo que ficaremos a dever também a este ensaio e ao seu autor.

19 de Setembro de 2000

Viriato Soromenho-Marques

Palavras de Abertura

... a ciência do general, a que os Gregos chamavam estratégia, ciência profunda, vasta, sublime, que engloba muitas outras.

Joly de Maizeroy, citado por Jean-Paul Charnay, *Essai Général de Stratégie*, p.58.

Publicar uma «nova edição» deste livro justifica-se por três razões: porque as edições anteriores estão fora do mercado há já alguns anos; porque, com o passar do tempo, as escolas fundadas por Sun Tzu e Clausewitz não só não perdem o brilho como ganham acutilância; e, finalmente, porque ao acrescentar conteúdos – poucos, é certo, mas segundo creio pertinentes –, terei talvez conferido maior consistência a umas quantas passagens da versão inicial.

Acerca do livro tal como originalmente concebido e escrito, limito-me agora a reproduzir, com ligeiras alterações, o que se encontra nas Palavras de Abertura da primeira edição.

Estudei *A Arte da Guerra* de Sun Tzu e o *Vom Kriege* de Clausewitz com a preocupação de identificar, comentar e, se necessário, criticar, permanentemente, aquelas ideias e propostas que se me afiguraram mais relevantes do ponto de vista da sua contribuição para o enriquecimento do pensamento estratégico. Quer isto dizer que os comentários e as sinopses de enquadramento foram surgindo à medida que a pesquisa das obras evoluía. E as apreciações críticas, de minha autoria ou produzidas por terceiros, foram sendo apresentadas sempre que estimuladas pelo pensamento dos grandes estrategistas chinês e prussiano.

As questões que me pareceram mais decisivas em cada um dos autores analisados – as tais ideias e propostas que mais terão contribuído para a evolução e para o aprofundamento do pensamento estratégico – foram seleccionadas, depois de feita a leitura, tantas vezes com gosto repetida, das obras. Correspondem, no fundo, aos tópicos que integram os capítulos três e seis. Uma vez seleccionadas, foram sintetizadas e, posteriormente, sujeitas a uma avaliação, nalguns casos crítica. E depois de comentadas ou criticadas, foram objecto de uma busca sistemática – não tão minuciosa quanto seria desejável – junto daqueles autores que sobre elas tivessem também reflectido. Em cada um dos tópicos daqueles dois capítulos encontramos, portanto, uma narrativa sumária do pensamento de Sun Tzu ou de Clausewitz e, sempre que tal se justifica, os comentários, eventualmente críticos, de minha autoria ou recolhidos em sábios comentadores.

Podemos assim concluir que este meu estudo não é um resumo das obras analisadas. Nem é tão pouco um guia de leitura. É antes uma apreciação global dos aspectos mais marcantes que em cada uma destas duas obras consegui detectar – apreciação necessariamente comprometida, claro está, com as abordagens e as concepções que à minha conta desenvolvi no domínio da teoria geral da estratégia.

O leitor não vai encontrar todas as ideias de Sun Tzu e de Clausewitz, nem sequer as ideias indiscutivelmente mais importantes, mas apenas aquilo que, numa avaliação obviamente parcial e subjectiva, considere absolutamente crucial. Os mais exigentes ficarão com certeza desiludidos. Mas aqueles que procuram somente «o essencial», servido com clareza e simplicidade, talvez não se sintam agastados com o tempo que investiram.

Entretanto, ao oferecer ao leitor apenas aquilo que se me afigura essencial, corro o risco de ser acusado de estar a escrever banalidades. As ideias simples e concisas que vou apresentando ao longo deste trabalho podem ser encaradas como «lugares comuns». O essencial pode ser confundido com o supérfluo. Ao falar daquilo que nestas obras de Sun Tzu e Clausewitz não deve ser esquecido, posso ser interpretado como estando a falar do

que não tem de ser dito, ou do que não vale a pena dizer, por ser evidente e, conseqüentemente, inútil.

Estou todavia convencido que as ideias fundamentais nunca são complicadas, e o que deve ser feito surge sempre aos nossos olhos, *a posteriori*, como dolorosamente evidente. Dizia Sherlock Holmes que os problemas são absurdamente simples, quase infantis, depois de explicados.¹

Entrando no campo do saber estratégico, Helmuth von Moltke, pouco antes do grande detective britânico iniciar as suas inesquecíveis aventuras, afirmou: “*As lições da estratégia não excedem muito os primeiros limites acessíveis a todo o espírito são. (...) O que interessa é perceber, no momento adequado, uma situação variável a cada instante e fazer em seguida, com firmeza e prudência, aquilo que é mais simples e mais natural.*”²

Penso então poder resumir o estado de espírito que me animou dizendo que não me preocupei em escrever o suficiente para satisfazer os especialistas na matéria. Tentei, isso sim, escrever o necessário para convencer e cativar o leitor que apenas conhece Sun Tzu e Clausewitz de nome. Se fui ou não capaz de alcançar este desiderato, os consumidores do produto final dirão.

Esclarecimento escusado seria o de que todas as citações que apresento ao longo do texto estão expressamente assinaladas, através de transcrições processadas em *itálico* e inseridas entre aspas, da mesma forma que todas as ideias inspiradas em obras alheias estão adequadamente referenciadas, através da respectiva indicação bibliográfica fornecida em notas de rodapé. Também escusado seria afirmar que as traduções que suportam tais citações são de minha responsabilidade. Em todo o caso, devo precisar que sempre que optei por uma tradução livre – ou seja, que não respeita literalmente o texto de referência, inglês ou

¹ Para conferir esta afirmação de Sherlock Holmes, consulte-se: DOYLE, Arthur Conan, *The Adventure of the Dancing Men* in *The Complete Illustrated Short Stories of Sherlock Holmes*, London, Bounty Books, 2004, p.476.

² MOLTKE, Helmuth von, *1869 Instructions for Large Unit Commanders* in HUGHES, Daniel (edit), *Moltke on the Art of War: Selected Writings*, Novato, Presidio Press, 1993, pp.174-175.

francês, de que me servi –, apresentei a minha versão em *itálico*, mas agora sem aspas.

Disse na edição inaugural desta obra, e agora mantenho, que existem fundamentalmente dois modos de operacionalizar o discurso literário – vale o mesmo dizer que existem duas maneiras paradigmáticas de escrever.

Podemos escrever de maneira a que o maior número possível de pessoas percebam o que lhes queremos dizer, ou, pelo contrário, de maneira a que apenas um pequeno grupo de eventuais iluminados alcancem a satisfação que é proporcionada pelo entendimento.

Neste trabalho optei claramente pela primeira modalidade. Perde-se em sofisticada erudição, mas ganha-se em singela clareza. Acima de tudo, evita-se o discurso hermético e obscuro, que muitas vezes mais não é que uma cortina de fumo para as fragilidades do autor, e que tão frequentemente afugenta os leitores.

A este propósito, seja-me permitido convocar Einstein para recordar um episódio que muito bem ilustra esta preocupação com a compreensibilidade da mensagem: insatisfeito com a forma como tinha tratado, numa primeira versão, o problema da possível influência da gravidade na propagação da luz, por ter ficado convencido que a terminologia que então adoptara poderia não estar ao alcance dos menos familiarizados com as subtilezas da física moderna, decidiu voltar a abordar o mesmo tema, em publicação posterior e usando agora uma linguagem elementar, para que os leitores pudessem facilmente apreender, em toda a sua extensão, as linhas de pensamento da teoria.

Quanto à questão do estilo, é este, por conseguinte, o território em que me situo.

Referências Bibliográficas Específicas

As edições utilizadas na análise d'*A Arte da Guerra* de Sun Tzu foram as seguintes:

EDIÇÃO INGLESA: *Sun Tzu on The Art of War*, London, Luzac & Co, 1910 (translated from the chinese with Introduction and Critical Notes by Lionel Giles).

EDIÇÃO FRANCESA: *L'Art de la Guerre*, Paris, Flammarion, 1993 (tradução do chinês para o inglês por Samuel Griffith em 1963. Avant-propos de Liddell Hart, pp.5-8. Préface et Introduction de Samuel Griffith, pp.9-15. Edição original francesa de 1972).

EDIÇÃO NORTE-AMERICANA: *The Seven Military Classics of Ancient China*, Boulder, Westview Press, 1993 (translation and commentary by Ralph Sawyer; *Sun-tzu's Art of War*, pp.145-186).

EDIÇÃO CHINESA: *L'Art de la guerre de Sunzi – L'Art de la guerre de Sun Bin*, Beijing, Editions Chine Populaire, 1994 (traduit par Tang Jialong).

EDIÇÃO PORTUGUESA: *A Arte da Guerra*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1994 (tradução da versão de Samuel Griffith).

No que se refere à obra cimeira de Carl von Clausewitz fundamentei a minha pesquisa nas seguintes traduções:

EDIÇÃO NORTE-AMERICANA: *On War*, New Jersey, Princeton University Press, 1989 (Introductory Essays by Peter Paret, Michael Howard and Bernard Brodie, pp.3-58).

EDIÇÃO PORTUGUESA: *Da Guerra*, Lisboa, Perspectivas & Realidades, 1976 (Prefácio de Anatole Rapoport, pp.7-60).

Relativamente ao texto de Sun Tzu, considero indispensável a leitura dos excelentes comentários e da interessante recolha de testemunhos diversos que se encontra em:

CARDOSO, Pedro, *Coletânea sobre Sun Tzu* in MOREIRA, Adriano & CARDOSO, Pedro (coords), *Estratégia*, Vol.II, Lisboa, IRI – ISCSP, 1991, pp.11-138.

Uma análise muito detalhada das propostas de Clausewitz encontra-se numa obra absolutamente obrigatória para quem queira apreender, na sua fascinante complexidade, o pensamento do grande militar e teórico prussiano e à qual se poderá recorrer como auxiliar permanente de leitura, a saber:

ARON, Raymond, *Penser la Guerre: Clausewitz*, Paris, Gallimard, 1976 (2 volumes).

Igualmente cuidadosas no levantamento de algumas das múltiplas dimensões em que o pensamento de Clausewitz se afigura marcante são as seguintes obras colectivas:

HANDEL, Michael (edit), *Clausewitz and Modern Strategy*, London, Frank Cass, 1986.

ÅNGSTROM, Jan & DUYVESTYEN, Isabelle (edits), *The Nature of Modern War: Clausewitz and His Critics Revisited*, Stockholm, Department of War Studies, Swedish National Defence College, 2003.

Devem também ser consultados os trabalhos daqueles autores que, muito embora nalguns casos divergindo das minhas opções interpretativas, comentaram de forma breve, mas esclarecedora, o *Vom Kriege* de Clausewitz, nomeadamente:

ALTERMAN, Eric, «The Uses and Abuses of Clausewitz», *Parameters*, Carlisle Barracks, U.S. Army War College, Summer 1987, pp.18-32.

BEYERCHEN, Alan, «Clausewitz, Nonlinearity and the Unpredictability of War», *International Security*, Massachusetts, The MIT Press, Vol.17, n.3, Winter 1992/93, pp.59-90.

CARACCILO, Dominic & POTHIN, John, «Coup d'oeil: The Commander's Intuition in Clausewitzian Terms», *Air & Space Power Chronicles*, Alabama, Maxwell Air Force Base, Airpower Research In-

stitute, 16 February 2000, <http://www.airpower.maxwell.af.mil/air-chronicles/cc/Caraccilo2.html>.

COZETTE, Murielle, «Realistic Realism? American Political Realism, Clausewitz and Raymond Aron on the Problem of Means and Ends in International Politics», *Journal of Strategic Studies*, Ilford, Frank Cass Publishers, Vol.27, n.3, 2004, pp.428-453.

EHEVARRIA, Antulio, «Clausewitz's Center of Gravity: It's Not What We Thought», *Naval War College Review*, Newport, Naval War College Press, Vol.LVI, n.1, Winter 2003, pp.108-123.

FLEMING, Bruce, «Can Reading Clausewitz Save Us from Future Mistakes?», *Parameters*, Carlisle Barracks, U.S. Army War College, Spring 2004, pp. 62-76.

GAT, Azar, «Clausewitz on the Defense and Attack», *The Journal of Strategic Studies*, Ilford, Frank Cass Publishers, Vol.11, n.1, March 1988, pp.20-26.

GLUCKSMANN, André, *Le Discours de La Guerre*, Paris, Bernard Grasset, 1979 (diversos capítulos).

HANDEL, Michael, *War, Strategy and Intelligence*, London, Frank Cass, 1989 (diversos capítulos).

KITCHEN, Martin, «The Political History of Clausewitz», *The Journal of Strategic Studies*, Ilford, Frank Cass Publishers, Vol.11, n.1, March 1988, pp.27-50.

LOUREIRO dos SANTOS, José Alberto, *Incursões no Domínio da Estratégia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983 (Segunda Parte: *Teoria Geral da Guerra, Conceito de Guerra segundo Clausewitz*, pp.157-167).

MALISSE, Christian, «Critique de la Raison Stratégique à la Lumière de Clausewitz», *Stratégique*, Paris, Institut de Stratégie Comparée, n.62: *Stratégie fondamentale*, 1996, http://www.stratisc.org/strat_062_malisse_tdm.html.

MARTINS, Raul François, «Pensar a Guerra: Aron e Clausewitz», *Nação e Defesa*, Lisboa, Instituto da Defesa Nacional, Ano XII, n.42, Abril-Junho 1987, pp.117-145.

NEW, Larry, «A Teoria da Guerra de Clausewitz e a sua Aplicação Actual», *Military Review*, Fort Leavenworth, U.S. Army Command and General Staff College, Vol.LXXVIII, 2nd Qtr 1998, n.2.

PARET, Peter (edit), *Makers of Modern Strategy: from Machiavelli to the Nuclear Age*, New Jersey, Princeton University Press, 1986 (Part Two, Chap.7: *Clausewitz*, pp.186-213).

ROGERS, Clifford, «Clausewitz, Genius, and the Rules», *The Journal of Military History*, Lexington, Society for Military History, Vol.66, n.4, October 2002, pp.1167-1176.

ROSELLO, Victor, «Clausewitz Contempt for Intelligence», *Parameters*, Carlisle Barracks, U.S. Army War College, Spring 1991, pp.103-114.

SCHNEIDER, James & IZZO, Lawrence, «Clausewitz's Elusive Center of Gravity», *Parameters*, Carlisle Barracks, U.S. Army War College, September 1987, pp.46-57.

SHEPHARD, John, «On War: Is Clausewitz Still Relevant?», *Parameters*, Carlisle Barracks, U.S. Army War College, September 1990, pp.85-99.

SOROMENHO-MARQUES, Viriato, *Europa: O Risco do Futuro*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1985 (Cap.2: *Natureza e Limites do Pensamento Estratégico*, pp.67-88).

—, *O Futuro Frágil*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1998 (Quinto Ensaio: *Guerra, Ambiente e Cooperação Compulsiva*, pp.167-177).

SIDOTI, Anthony, «The Relevance of Carl Von Clausewitz in Operation Iraqi Freedom», *Air & Space Power Chronicles*, Alabama, Maxwell Air Force Base, Airpower Research Institute, 21 January 2004, <http://www.airpower.maxwell.af.mil/airchronicles/cc/sidoti.html>.

SUMIDA, Jon, «The Relationship between History and Theory in *On War*: the Clausewitzian Ideal and Its Implications», *Journal of Military History*, Lexington, Society for Military History, Vol.65, n.2, April 2001, pp.333-354.

VILLACRES, Edward & BASSFORD, Christopher, «Reclaiming the Clausewitzian Trinity», *Parameters*, Carlisle Barracks, U.S. Army War College, Autumn 1995, pp.9-19.

WATTS, Barry, *Clausewitzian Friction and Future War*, Washington, Institute for National Strategic Studies, McNair Paper, n.52, October 1996.

Muito interessante é o número especialmente dedicado a Clausewitz pela revista *Stratégique*, editada pelo *Institut de Stratégie Comparée*, Paris (ns.78-79: *Clausewitz*, 2000), e que inclui os seguintes artigos: *La Finalité Stratégique chez Clausewitz*, Lucia Dora Frost; *La Guerre, Instrument ou Expression de la Politique. Remarques a Propos de Clausewitz*, Gunther Maschke; *Clausewitz et le Probleme de la "Méthode"*, Hervé Guineret; *Aron – Clausewitz, Un Debat Continu*, Christian Malis; *Paradigme Clausewitzien et Discours Stratégique aux États-Unis 1945-1999*, Christophe Wasinski; *Post Tenebras Lux: Werner Hahweg*, Jean-Jacques Langendorf; *L'interprétation Schmittienne de Clausewitz*, David Cumin; *À la Recherche de Clausewitz en Italie: Souvent cité, peu appliqué*, Ferruccio Botti; *La Double Mort de Clausewitz: Repenser la Guerre en Europe au XXIe Siècle*, François Géré.

Uma visão comparativa das teses destes dois grandes nomes do pensamento estratégico pode ser apreciada em:

HANDEL, Michael, *Masters of War: Classical Strategic Thought*, London, Frank Cass, 1996 (2ª edição).

Deixei de fora, propositalmente, aquelas obras que se servem das propostas de Sun Tzu para justificar os maiores disparates e as mais requintadas charlatanices. São trabalhos que revelam um déficit assustador de seriedade e solidez científica, pelo que não deverão merecer cinco minutos de atenção num ensaio como o que me propus escrever. A título meramente exemplificativo:

KRAUSE, Donald, *Arte da Guerra para Executivos*, Mem Martins, Lyon Multimédia Edições, 1996.

Na mesma linha, embora revelando maior consistência e algumas saudáveis preocupações de carácter metodológico, surgem obras como:

McNEILLY, Mark, *Sun Tzu and The Art of Business: Six Strategic Principles for Managers*, New York, Oxford University Press, 1996.

Quem quiser tomar contacto com uma aplicação do pensamento clausewitziano ao universo da estratégia empresarial sem mergulhar nas águas turvas em que se movem os vendedores de 'banha da cobra', terá de ler:

GHYCZY, Thia & OETINGER, Bolko von & BASSFORD, Christopher (edits), *Clausewitz on Strategy: Inspiration and Insight from a Master Strategist*, New York, John Wiley & Sons, 2001.

A quantidade de informação disponibilizada pela World Wide Web e relativa a ambos os autores em análise é verdadeiramente avassaladora. Separar o trigo do joio torna-se difícil. Penso, contudo, que será justo destacar um «sítio» de excepcional qualidade, editado com um rigor inexcedível por Christofer Bassford, inteiramente dedicado a Clausewitz e que inclui preciosas referências bibliográficas, versões integrais de algumas das obras do mestre prussiano, entre muitos outros trabalhos de grande mérito:

BASSFORD, Christofer (edit), *Clausewitz Homepage*, <http://www.clausewitz.com/CWZHOME/CWZBASE.htm>.

No universo da interpretação do aparelho conceptual clausewitziano, devo ainda referir, por serem importantíssimas ferramentas de investigação:

CIMBALA, Stephen, *Clausewitz and Chaos: Friction in War and Military Policy*, Westport, Praeger, 2000.

GAT, Azar, *The Origins of Military Thought: From the Enlightenment to Clausewitz*, Oxford, Oxford University Press, 1989.

HOWARD, Michael, *Clausewitz*, Oxford, Oxford University Press, 1983.

PARET, Peter, *Clausewitz and the State: The Man, His Theories, and His Times*, New Jersey, Princeton University Press, 1985.

Finalmente, não posso deixar de mencionar um trabalho clássico, talvez aquele que apresenta a mais severa crítica ao *Vom Kriege* de Clausewitz:

HART, Liddell, *The Ghost of Napoleon*, New Haven, Yale University Press, 1933.

Bibliografia Geral

Obras Citadas

(não mencionadas nas referências
bibliográficas específicas)

ABREU, Francisco, *Fundamentos de Estratégia Militar e Empresarial*, Lisboa, Sílabo, 2002.

—, *Introdução e Comentários* in CLAUSEWITZ, Carl von, *Princípios da Guerra*, Lisboa, Sílabo, 2003.

—, *Introdução e Notas* in T'AI KUNG, *Os Seis Ensinaamentos Secretos*, Lisboa, Sílabo, 2003.

ALGER, John, *The Quest for Victory: The History of the Principles of War*, Westport, Greenwood Press, 1982.

ALVES, José Lopes, *Estratégia – Panorama Geral da sua Teoria*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1998 (Prefácio de Adriano Moreira).

AMARO, Ana Maria, *O Mundo Chinês: um longo diálogo entre culturas*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1998 (2 volumes).

BEAUFRE, André, *Introduction a la Stratégie*, Paris, Hachette Littératures, 1998 (Avant-propos de Thierry de Montbrial, pp.7-15. Préface de Liddell Hart, pp.17-19).

—, *Introdução à Estratégia*, Lisboa, Sílabo, 2004 (Prefácio à edição portuguesa de Abel Cabral Couto, pp.11-24).

BLAUG, Mark, *História do Pensamento Económico*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989-1990 (2 volumes).

BONAPARTE, Napoleão, *Como Fazer a Guerra*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1976.

- BOND, Brian, *The Pursuit of Victory: From Napoleon to Saddam Hussein*, Oxford, Oxford University Press, 1996.
- BOUTHOU, Gaston, *Traité de Polémologie: Sociologie des Guerres*, Paris, Payot, 1970.
- BROWN, Michael & Outros (edits), *Theories of War and Peace*, Massachusetts, The MIT Press, 1998.
- BRUN, Jean, *Sócrates, Platão, Aristóteles*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1994.
- CHALIAND, Gérard, *Anthologie Mondiale de la Stratégie: des origines au nucléaire*, Paris, Robert Laffont, 1996.
- CHARNAY, Jean-Paul, *Essai Général de Stratégie*, Paris, Editions Champ Libre, 1973.
- CLAUSEWITZ, Carl Von, *Principles of War*, Harrisburg, The Military Service Publishing Company, 1942 (traduzido e editado por Hans Gatzke).
- , *Princípios da Guerra*, Lisboa, Sílabo, 2003.
- CONFÚCIO, *The Analects of Confucius (Lun Yu)*, New York - Oxford: Oxford University Press, 1997 (tradução, introdução e notas por Chichung Huang).
- COUTO, Abel Cabral, *Elementos de Estratégia – Apontamentos para um curso*, Lisboa, Instituto de Altos Estudos Militares, 1988-1989 (2 volumes).
- DAHRENDORF, Ralf, *Reflexões sobre a Revolução na Europa*, Lisboa, Gradiva, 1993.
- DOYLE, Arthur Conan, *The Complete Illustrated Short Stories of Sherlock Holmes*, London, Bounty Books, 2004.
- DUPUY, Ernest & DUPUY, Trevor, *The Harper Encyclopedia of Military History: From 3500 B.C. to the Present*, New York, Harper Collins Publishers, 1993 (4^a edição).
- EVERA, Stephen Van, *Offense, Defense, and the Causes of War* in BROWN, Michael & Outros (edits), *Theories of War and Peace*, Massachusetts, The MIT Press, 1998, pp.55-93.

FERNANDES, António Horta, *O Homo Strategicus ou a ilusão de uma razão estratégica?*, Lisboa, Edições Cosmos – Instituto da Defesa Nacional, 1998 (Prefácio de Abel Cabral Couto).

FERNANDES, António Horta & ABREU, Francisco, *Pensar a Estratégia: do político-militar ao empresarial*, Lisboa, Sílabo, 2004.

FIÉVET, Gil, *Da Estratégia Militar à Estratégia Empresarial*, Mem Martins, Editorial Inquérito, 1993.

HARRISON, Maureen & GILBER, Steve (edits), *George Washington In His Own Words*, New York, Barnes & Noble Books, 1997.

HART, Liddell, *Strategy*, New York, Meridian, Penguin Books, 1991 (2ª edição).

HOBSBAWM, E.J., *A Era das Revoluções*, Lisboa, Editorial Presença, 1982.

HUGHES, Daniel (edit), *Moltke on the Art of War: Selected Writings*, Novato, Presidio Press, 1993.

JERVIS, Robert, «Cooperation under the Security Dilemma», *World Politics*, New Jersey, Johns Hopkins University Press, Princeton University, Vol.30, n.2, January 1978, pp.167-214.

JONES, Archer, *Elements of Military Strategy*, Westport, Praeger Publishers, 1996.

KISSINGER, Henry, *Diplomacia*, Lisboa, Gradiva, 1996.

LYKKE Jr, Arthur (edit), *Military Strategy: Theory and Application*, Carlisle Barracks, U.S. Army War College, 1989.

MAGALHÃES-VILHENA, Vitorino de, *O Problema de Sócrates*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

MAQUIAVEL, Nicolau, *O Príncipe*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1976 (2ª edição, com comentários de Napoleão Bonaparte).

—, *L'Art de la Guerre*, Paris, Flammarion, 1991.

MOLTKE, Helmuth von, *1869 Instructions for Large Unit Commanders* in HUGHES, Daniel (edit), *Moltke on the Art of War: Selected Writings*, Novato, Presidio Press, 1993, pp.171-224.

MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal nos Finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998.

MOREIRA, Adriano, *O Ideal Democrático – O Discurso de Péricles (versão integral)* in MOREIRA, Adriano & Outros (coords), *Legado Político do Ocidente – O Homem e o Estado*, Estratégia, Vol.VIII, Lisboa, Instituto Português da Conjuntura Estratégica, 1995, pp.15-31.

O'CONNELL, Robert, *História da Guerra*, Lisboa, Editorial Teorema, 1995.

PALMER, R. R., *Frederick the Great, Guibert, Bülow: From Dynastic to National War* in PARET, Peter (edit), *Makers of Modern Strategy: from Machiavelli to the Nuclear Age*, New Jersey, Princeton University Press, 1986, pp.91-119.

PARKINSON, Roger, *Clausewitz: A Biography*, New York, Cooper Square Press, 2002.

PEERS, C. J., *Ancient Chinese Armies: 1500-200 BC*, Oxford, Osprey Publishing, 1998.

PERES, Damião (dir), *História de Portugal*, Barcelos, Portucalense Editora, Edição Monumental, 1928-1937 (7 volumes + vol. Índices).

PINHEIRO, J.A. Franco, *Estratégia da Guerra Subversiva*, Lisboa, Instituto de Altos Estudos Militares, Curso de Altos Comandos, 1968 (2 volumes).

POIRIER, Lucien, *Les Voix de la Stratégie*, Paris, Fayard, 1985.

POPPER, Karl, *Em Busca de Um Mundo Melhor*, Lisboa, Editorial Fragmentos, 1992.

ROTHENBERG, Gunther, *Maurice of Nassau, Gustavus Adolphus, Raimondo Montecucoli, and the Military Revolution of the Seventeenth Century* in PARET, Peter (edit), *Makers of Modern Strategy: from Machiavelli to the Nuclear Age*, New Jersey, Princeton University Press, 1986, pp.55-63.

SARAIVA, José Hermano, *A Revolução de 1383-1385* in SARAIVA, José Hermano (dir) *História de Portugal*, Lisboa, Publicações Alfa, Vol.2, 1987, pp.98-102.

SÉRGIO, António, *Tréplica*, Lisboa, Seara Nova, 1925.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, Lisboa, Editorial Verbo, 1979-1997 (13 volumes).

SKOCPOL, Theda, *Estados e Revoluções Sociais: Análise Comparativa da França, Rússia e China*, Lisboa, Editorial Presença, 1985.

SOBOUL, Albert, *A Revolução Francesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1979 (2 volumes).

SOROMENHO-MARQUES, Viriato, *Europa: Labirinto ou Casa Comum*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1993.

—, *A Era da Cidadania*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1996.

SUN de WU, *A Arte da Guerra de Mestre Sun*, Lisboa, Frenesi, 2002.

T'AI KUNG, *Os Seis Ensinaamentos Secretos*, Lisboa, Sílabo, 2003.

TROTIGNON, Roland & HERSANT, Guy, *La Chine Quotidienne*, Paris: L'éoréca Edition, 1979.

VÁRIOS Autores, *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura, Edição Século XXI*, Lisboa, Editorial Verbo, 1998-2003 (29 volumes).

WEINBERGER, Caspar, *Fighting for Peace: Seven Critical Years in the Pentagon*, New York, Warner Books, 1990.

—, *The Uses of Military Power* in LYKKE Jr, Arthur (edit), *Military Strategy: Theory and Application*, Carlisle Barracks, U.S. Army War College, 1989, pp.263-268.

XENOFONTE, *A Retirada dos Dez Mil*, Amadora, Livraria Bertrand, 1957 (tradução e Prefácio de Aquilino Ribeiro).